

Artur devolvia-ma, avivando-a, uma lembrança de Reinaldo na juventude.

Vejo estes olhos verdes aqui bem próximos de mim. Eles trazem uma súplica a que é impossível não atender. Penso no meu irmão morto e não consigo imaginar Artur executando Scarlattí. Comprei-lhe um instrumento e matriculei-o na Escola Nacional de Música, com duas aulas semanais. Foi quando comecei a gostar dele. E Quando senti também um vago pressentimento.

Aproximo-me da gaveta onde sei que encontrei aquela carta que eu não quero rere. Por uma dessas incríveis coincidências um desses jogos diabólicos armados pela vida, ela encontra, ouvindo com deleite, os músicos modernos de predileção. Hesito em abri-la. Por que não fazê-lo?

Defronto-me com o espelho à espera do inútil. Uma mocidade há muito esquecida pela longa ausência. E torno a ouvi-la retornando o tema inicial de Schumann. É quando percebo que Neusa o toca desta vez, com inesperada angústia. Há qualquer coisa de mais pungente nessa execução; de mais triste, numa peça já por si melancólica, como se um lamento novo surgisse da noite tranquila, não se sabe bem porque. O espelho não mente e insiste em dar-me uma realidade que não me incomoda.

— Seus cabelos estão caindo assustadoramente.

— O tempo passa, minha querida.

— Mas você aos 25 anos, já começava a perdê-los.

— Como se a culpa fosse minha.

— Não é bem isso que estou dizendo.

— Artur já chegou?

— Ainda não.

— Oito e meia. Não acha que está demorando?

— É a chuva. Você sabe como fica o trânsito na cidade quando chove.

— Ele levou a capa?

— Não sei Ortio, acho que não. Estava até um dia bonito. Fazia sol.

Sem que eu soubesse por que, ela perguntava, num tom de voz distante.

— De que morreu Reinaldo?

— Câncer. Fulminante. Três meses.

— O câncer é hereditário?

— Acho que não. Pelo menos, até agora nada ficou provado neste sentido. Por que?

— Eu gostaria de ter convivido com ele.

— Você iria adorá-lo. Conviver com ele era um prazer.

— Ainda guarda aquelas cartas que vieram de Paris?

— Guardo sim. Todas. Um dia vou lê-las para Artur.

Éramos muito jovens e caminhávamos. Na noite tropical, o céu profusamente marcado por pontos luminosos, deslumbrava. Foi quando Neusa falou pela primeira vez na estrela azul.

— Como achá-la? Onde entre tantas?

— Virou poetisa?

— Não zombe.

Abracei-a com ternura repentina. Ela parecia sentir-se segura com esse meu gesto. Pedi-lhe:

— Não sonhe demais.

— Frio!

— Eu?

Pensei em outro poeta, já que poetisa ela não o era. Não precisava sê-lo. Eu tinha seu afeto. Isso me bastava. A certeza dessa afeição tornava-me, sem que eu o quizesse, paternal. Isso parecia perturbá-la um pouco. Então seu rosto ganhava matizes de menina. Pedi à minha sonhadora que fosse em busca de sua quimera. Que resta hoje, nesta noite que parece interminável de Neusa, a cismar estrelas impossível?

Da janela, onde me debruço para ouvir a longa noite envelhecendo, percebo diversos ruidos, a levar pouco a pouco, Schumann para bem distante. É aquele rapaz do prédio fronteiro a escutar a transmissão de um discurso político; a voz do porteiro do nosso edifício, apregoando uma próxima falta da água; o deslizar macio de um veículo preguiçoso na rua semi-adormecida. Um pouco a esquerda, silhueta dos morros onde, vez por outra surge o piscar de uma luz inquieta. Busco, num céu quase sem estrela, a estrela azul — pois ainda me lembro dela — de Neusa e penso em Artur, ouvindo jazz

em Paris. Penso em mil coisas sem nexos, desprovidas de qualquer ligação com o momento presente e procuro abstrair-me até um ponto em que não seja possível sofrer; ou sofrer sem mortificação. Penso no filho que Neusa me negou sem que tivéssemos aviso prévio da natureza ou podido salvar a tempo uma situação insustentável. Que deixou de ser torturante, no instante em que ele veio para nossa companhia. Era, conclui com júbilo, o filho há muito desejado.

A ausência de uma criança, em nosso apartamento, criou um vazio; um jato em nossos diálogos rotineiros. Um estado de não comunicação a nos roubar uma alegria, quase sempre a princípio incessante. E não só incessante como renovada: Artur foi essa volta, essa renovação, esse quase milagre. Agora que se fora como começar tudo de novo? Recomeçar partindo de onde? Munidos de que esperanças ou fortalecidos por que ato de abandono? Se o passar do tempo, prolongando a sua ausência nos fizer mais sábios ou serenos, talvez possamos amá-lo ainda mais pelo bem que nos trouxe na gratuidade pura de um sentimento absolutamente confortador.

O trilar intermitente de um grilo, oculto por perto, traz-me de volta para o universo imediato do presente. A mim me é difícil esgotar emoções. É um verão mormacento e a noite de tão tranquila a nada responde, imune como está às nossas indagações. É quando nos curvamos ao impenetrável mistério do coração humano e às perguntas, que respondidas ficam desprovidas de seu eucanto congênito.

Agora eu sei que ela o amou. De uma outra forma que não a minha. Amá-lo-ia ainda agora quando tenta em Schumann, esquecê-lo. Ou estará prolongando a sua emoção? Não é isso que sinto sentir nesse piano ansioso? Neusa sabe que eu detesto Schumann. Que esse Carnaval não me toca, ou nada em mim despertar que não seja tédio ou comiseração.

Em nome de que sentimento devei interrogá-la, obrigando-a a um desabafo? Em razão ou lembranças de que gasta felici-

dade, poluída pelo hábito que tudo corrói, poderei privá-la dessa solidão onde se sente segura? Deixá-la com Schumann é conservá-la junto a um Artur tão distante. Não estarei também próximo aos dois numa estranha fusão de afinidades?

Olhe, eu sei de tudo. Agora sim, eu sei que sei. Isso eu diria se dizer algo já estava, em si, inteiramente uma coisa modificasse aquele transformado. É que fomos mudando sem sentir, despercebendo que a passagem dos dias nos fez menos sofridos ou mais tolerantes.

Quando a música cessa de todo e tudo é silêncio um enorme silêncio de paz eu não preciso ver seus olhos para saber que ela chora. Deveria isso sem dúvida agradecer; ou beijá-la, nesses mesmos olhos úmidos, onde há lágrimas que talvez não sejam minhas. Súbito, rompendo a quietude da noite madura uma explosão de jazz, vinda de um vizinho insône. Um naipe de saxofones pontilha quase em surdina a voz langurosa de um cantor cansado. De um tema desusado, um hábil arranjador extraiu surpresas em tempo inquieto e sincopado. Aproximo-me de Neusa.

... então o fútil movimento de abandono de uma mão que pausa para ficar num ombro amigo. Aqui neste ombro de Neusa, deixo-a repousando sem ânimo para retirá-lo ou desculpar-me. Talvez porque seja ainda cedo demais para pedir-lhe perdão.

— Está ouvindo?

Ela simula não escutar-me. Sinto-lhe o corpo morno e um frêmito de indisfarçável emoção. Mas de onde vem essa voz?

— Ele parecia tanto com você! E você sabia de tudo, não?

— Eu disfarcei, muito mal, não entendê-la.

— Vamos sair? Está uma noite linda.

— Enfim, muito obrigada.

Fosse esse verão menos cáldo e talvez não sentíssemos essa necessidade de procura, de abrigo, de um isolamento a dois. Depois apenas o reencontro de nossas mãos, sem qualquer esforço. Porque agora, agora sim, eu sei que tudo está bem.

Bernardo Tajra